

Dan Blazer

FREUD *versus* DEUS

*Como a psiquiatria perdeu a alma
e o cristianismo perdeu a cabeça*



Editora Ultimato
Víçosa, MG

Para Bill Wilson
*que acredita apaixonadamente,
debate energicamente e cuida incessantemente
do doente mental.*

Sumário

Apresentação	11
Introdução: O Cristão e a Psiquiatria	17
1. Casos & Questões	31
2. Conversação & Debate	63
3. A Psiquiatria Perde a Alma	115
4. O Cristianismo Perde a Mente	161
5. Preenchendo o Vazio	213
6. O Cuidado de Almas e Mentes	
Estimulando o diálogo entre a psiquiatria e o cristianismo	239
Notas	267
Índice	281

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para esta realização, embora o argumento seja exclusivamente meu. A cada uma delas, meu agradecimento.

Ross Thomson, um dos nossos colaboradores nas freqüentes discussões filosóficas nas manhãs de sábado, estimulou generosamente o início deste projeto. Stanley Hauerwas ajudou-me a dar vida aos meus argumentos e incentivou-me nos momentos mais propícios, sempre me sugerindo mais uma leitura apropriada. Keith Meador, Judy e Richard Hays, Bailey Forrest, Jerry Sprague e Bobbi Hendrix leram partes do manuscrito e me passaram valiosas informações em suas críticas.

Não posso deixar de mencionar o excelente trabalho de Rachel Toor. Ela ajudou-me a encontrar meu próprio estilo, encorajando-me a colocar meus argumentos numa linguagem agradável e acessível, fazendo-me “extravasar” neste livro, tarefa que se tornou um prazer. Lavon Perkins datilografou pacientemente muitos esboços do manuscrito. Sua personalidade agradável e prestativa, acompanhada de sua profunda fé, foi uma inspiração durante os meses de preparo do livro.

Agradeço a Rodney Clapp, da InterVarsity Press, tanto pelo encorajamento como pela atenciosa leitura dos manuscritos.

Finalmente, agradeço àquelas que tornam minha existência digna de ser vivida — Sherrill, Trey e Tasha. Elas não apenas me apóiam na minha profissão, como também são minhas companheiras inseparáveis em nossa jornada sagrada.

APRESENTAÇÃO

Alguém que olhe apressadamente o título deste livro — *Freud versus Deus* — poderá ter uma falsa impressão. Talvez pense que o autor está desatualizado, ainda fixado numa querela já devidamente sepultada. Entretanto, não é essa a realidade. Dan Blazer é um profissional atuante e bem informado em relação às questões que envolvem as ciências psi. Teve uma formação sólida e abrangente, já acumula 30 anos de experiência profissional e mantém-se como professor e pesquisador em uma das mais conceituadas universidades norte-americanas. Portanto, sabe muito bem que os pensadores do campo da psicologia e psiquiatria, inclusive aqueles de orientação psicanalítica, já não se preocupam em atacar pressupostos e crenças religiosas. Percebe também que os religiosos, por sua vez, estão muito à vontade em relação às pretensões das psicoterapias, nem um pouco dispostos a questioná-las nos seus fundamentos e aplicações.

Esta acomodação de ambos os lados é que incomoda o autor. O marasmo é tão grande que desperta saudades dos debates acirrados que caracterizaram os tempos de Freud e se estenderam além da metade do século 20. De uma forma ou de outra, havia um debate desafiador para ambos os lados. Pessoas inteligentes e qualificadas envolviam-se em conversações criativas,

trazendo novas contribuições e avanços do conhecimento. Um dos exemplos citados é o diálogo franco mantido pelo pai da psicanálise com Oskar Pfister, um de seus discípulos mais próximos, que se manteve teólogo, educador e pastor protestante. Disponível em português, a correspondência entre ambos* cobre 30 anos de diálogo e atesta quanto esclarecimento advém da aproximação entre pessoas competentes em seus saberes e bem intencionadas. Ocorrem divergências, críticas e até acusações mútuas, mas predomina um clima respeitoso e construtivo.

O que terá acontecido, em especial nas últimas décadas, para que cientistas e religiosos estejam tão amorfos e acomodados? Dan Blazer é contundente com os dois lados. Demonstra com agudeza e maestria o fascínio exercido pelas chamadas neurociências. Mesmo sem desprezar as contribuições destacadas que elas têm trazido ao tratamento dos transtornos mentais, não deixa de apontar o reducionismo implícito em sua aplicação. A epistemologia que sustenta esse radicalismo é pobre, aferrada a um objetivismo hoje desprezado até pelas ciências exatas. O autor constata que especialmente a psiquiatria, em sua vertente principal, está hoje dominada por um biologicismo que não estimula o diálogo com outros campos do conhecimento. Lamenta, particularmente, que até mesmo essa opção não seja acompanhada de uma reflexão sobre seus fundamentos e determinantes histórico-culturais. A conclusão é que nosso saber torna-se cada vez mais específico e, ao mesmo tempo, mais limitado. Fascinados pela complexidade do cérebro, desconhecemos e relegamos a riqueza da alma humana.

A seguir, passa a analisar o que acontece no campo religioso, principalmente no seio da tradição cristã norte-americana; e, da mesma forma, não se mostra satisfeito. Como é sabido, naquele país reconhece-se a atividade do aconselhamento psicológico, difundido predominantemente a partir de instituições universitárias que têm reputação tanto no campo da psicologia como da teologia. Blazer descreve, então, como pastores e sacerdotes migraram progressivamente do tradicional aconselhamento pastoral, de natureza religiosa e vinculado

(*) *Cartas entre Freud & Pfister*. Viçosa, MG: Ultimato, 1998. 200 p. (N.E.)

ao ministério de uma igreja, para uma atuação autônoma. Ele acompanha com detalhes o desenvolvimento desse aconselhamento cristão profissional, que alcançou grande repercussão e influência. Constatá que seus expoentes têm contribuído pouco para a teoria e prática das profissões de ajuda. Eles incorporaram princípios e técnicas psicoterápicos, em sua maioria de inspiração cognitivo-comportamental, revestindo-os de linguagem bíblica. Dessa maneira atraem muitos clientes para consultórios e clínicas ditos cristãos, enfermarias em hospitais gerais, e editam uma plethora de livros bem semelhantes àqueles de auto-ajuda.

O que mais lamenta, contudo, é que essas atividades são exercidas à margem das atividades predominantes entre os psicólogos e psiquiatras, sem estabelecer diálogo com o universo profissional. Com isso, aqueles conselheiros profissionais, por um lado, garantem não ser questionados diretamente em suas práticas, mas não se enriquecem com o debate acadêmico. Por outro lado, reforçam as barreiras a uma contribuição efetiva e desejável do pensamento cristão na área psi. Isto sugere que o cristianismo atual não questiona e não quer ser questionado. Ele teria perdido a sua articulação racional, esquecendo que “crer é também pensar”.

Quem sofre maiores prejuízos com esse distanciamento e essa segmentação do campo profissional são os clientes e suas famílias. Eles, que são pessoas de fé, em sua maioria, talvez não sejam compreendidos pelos profissionais que procuram naquilo que lhes é mais caro e significativo. Assim ocorrendo, como lhes será possível obter benefícios duradouros e alcançar a necessária integração das experiências traumáticas subjacentes aos quadros de sofrimento psíquico?

Sabe-se que a mediação dos símbolos da cultura, e em especial os religiosos, é fundamental para o alívio e cura dos males que afligem o homem. Os clientes, porém, correm hoje o risco de encontrar, de um lado, um profissional insensível pronto a regular apressadamente a neuroquímica cerebral; de outro, alguém que apresente fórmulas prontas de comportamento, com a pretensão de que sejam aplicáveis universalmente. Dificilmente acharão nos terapeutas, mesmo naqueles que professam uma religião, ouvidos atentos, mente aguçada e “coração aquecido”.

Uma aproximação entre profissionais e pensadores cristãos fortaleceria o conhecimento e a prática de ambos os lados, trazendo colaboração em benefício dos assistidos.

A proposta de Dan Blazer é que todos nos empenhemos em preencher o vazio hoje existente. Em nossos dias, os movimentos em busca de uma compreensão integral do ser humano acontecem à margem da psicologia e da psiquiatria ditas científicas. Eles tenderão a crescer caso não ocorra uma revisão da postura dos profissionais. Percebe-se, a partir dos meios psicanalíticos e em contraponto ao reducionismo biologicista, uma tentativa de reafirmação do lugar do sujeito na relação terapêutica. Porém, corre-se ainda o risco da psicologização da experiência humana. Em especial, não é adequado continuar negando o lugar das experiências religiosas na dinâmica complexa do processo saúde-doença. Há muitas evidências de que as intervenções curativas são facilitadas se agregam a compreensão e valorização dos recursos saudáveis da fé do paciente. As comunidades religiosas, por exemplo, podem contribuir expressivamente para a saúde mental individual e coletiva.

Freud versus Deus permite-nos entender também muita coisa que acontece “do lado de baixo do equador”. Em tempos globais, as tendências que se verificam na sede do império logo ganham repercussão nos chamados “países periféricos”, como é o caso do nosso Brasil. Além das instigantes observações e propostas que o livro traz, ele será para nós um guia muito útil, pois traça o perfil histórico e filosófico de diferentes movimentos, tanto do campo profissional como do religioso. Temos agora à mão informações suficientes para rastrear as origens de modismos que nos chegam, bem como as consequências que suas aplicações tiveram. Se formos perspicazes e independentes o suficiente, poderemos agir preventivamente e usar nossa criatividade para percorrer caminhos próprios, evitando a mera repetição do que já se conhece.

Infelizmente, vemos em muitos círculos profissionais e acadêmicos tupiniquins uma assimilação precipitada das condutas adotadas nos países ricos. O fenômeno se repete no meio religioso, motivado tanto pela dependência cultural como por razões históricas. As igrejas evangélicas, em sua maioria, estabeleceram-se aqui a partir de meados do século 19 por meio

de missionários norte-americanos. Exceções são as que vieram com os imigrantes, caso das Igrejas Luterana e Anglicana, além de grupos menores de origem européia. Assim, é compreensível que, mesmo sendo hoje independentes administrativamente, mantenham-se receptivas às tendências teológicas e práticas pastorais que florescem na América do Norte. Agindo dessa maneira acrítica, estamos todos reproduzindo aqui aquele distanciamento já apontado, acrescido do menosprezo à riqueza cultural do nosso povo. Nossos clientes podem estar sofrendo duplamente em consequência da nossa alienação.

Mais que isso. Freud exerceu forte sedução sobre a intelectualidade brasileira, desde o início da divulgação de sua obra. Agora, ele pode estar sendo alvo da nossa conhecida antropofagia cultural. Refiro-me aos movimentos que se difundem aqui entre leigos de diferentes formações profissionais, à margem da psicanálise reconhecida e tida como oficial. Trata-se de associações ditas psicanalíticas que se adjetivam em termos radicais e são capazes de atrair pedagogos, professores, advogados e, especialmente, pastores e sacerdotes. A maioria delas tem diretoria e quadro docente compostos por esses religiosos, contrariando a tendência histórica dentro da psicanálise. Não cabe, porém, nenhum entusiasmo, pois elas não oferecem fundamentação que faça vislumbrar uma articulação saudável entre a prática psicoterápica e a fé cristã. Trata-se, ao que tudo indica, de incor-poração apressada e fragmentada do conhecimento psicanalítico, acrescido de pinzeladas das ciências da mente, culminando com a titulação de psicanalista. A clientela provém do próprio meio religioso e do contingente da população que não tem acesso às terapias formais. O fenômeno é assaz curioso. Greta Garbo, de fato, não acabou em Irajá; mas o legado de Freud (quem diria!) pode estar sendo “garfado” ao nosso redor.

Quando li a tradução do livro em primeira mão, tive a intenção de escrever algo semelhante sobre o que se passa no campo psiquiátrico e religioso aqui no Brasil. Divido com meu colega de turma na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora, Joel Tibúrcio de Souza, a condição de sermos dos primeiros psiquiatras brasileiros a professar a fé evangélica. Antes de nós, somente sei dos pioneiros José Maria do Nascimento, professor aposentado da Universidade Federal

do Ceará, e Odon Maranhão, que foi professor na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Naquele tempo, outros afastaram-se em diferentes direções, talvez temporariamente.

Nos anos 60 e 70, era muito difícil sustentar crenças religiosas no meio acadêmico. Juntavam-se à tradição positivista que fundamentou a universidade brasileira, muito crítica e centrada na sua forma de conceber a ciência, os embates doutrinários com o evolucionismo e o marxismo. Quando se chegava ao estudo das ciências psi, a posição radical de Freud parecia ser o golpe derradeiro na religiosidade que ainda restava. Havia sim os católicos, mais resguardados por comporem a religião da maioria da população e que serviam de referência para todos nós. Cito o Prof. José Leme Lopes, que foi diretor do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como exemplo daqueles que não faziam reservas da sua identidade religiosa.

A estratégia de sobrevivência foi reunirmo-nos para aprofundamento teórico e apoio mútuo. Surgiu assim o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos, a partir de um encontro de universitários realizado em Curitiba, em janeiro de 1976. Aos psiquiatras uniram-se os psicólogos. Hoje somamos mais de 500 associados, que se reúnem em núcleos por várias cidades do país e promovem congressos nacionais, encontros regionais, seminários, cursos e outros eventos.

Através desta associação, buscamos promover o diálogo entre as ciências psi e a fé cristã, sem subordinação de uma a outra. Acreditamos que toda verdade, venha ela da investigação científica ou da revelação bíblica, provém do mesmo Deus, criador e sustentador da vida e doador de sentido à existência. Uma antropologia rica e fecunda tem sido assim construída, capaz de arejar tanto a prática profissional como a vivência da fé, com contribuições mutuamente significativas e esclarecedoras. Ela constitui uma contribuição nacional para preencher o vazio apontado por Dan Blazer.

Março de 2002

Uriel Heckert

Presidente do Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos

INTRODUÇÃO

O Cristão e a Psiquiatria

Sou um cristão que exerce a psiquiatria. É uma vida cômoda, à primeira vista. Uma vida *perturbadoramente* cômoda. Algo, porém, está faltando.

Como médico cristão evangélico entrando para o treinamento psiquiátrico, preparei-me para uma batalha que nunca aconteceu. Temia que meus orientadores em psiquiatria se esforçassem no sentido de que eu recontasse toda a história da minha vida para que eles modelassem minhas crenças de tal forma que eu não mais aceitasse a fé que herdei de meus pais. Acreditava que um psiquiatra poderia sondar minhas profundezas e roubar meu “Pai que está nos céus”. Nada parecido com esta batalha aconteceu. Também desejava ajudar na construção de uma ponte sobre o vazio entre a psiquiatria e o cristianismo. Fazendo uma avaliação, o impulso para a construção dessa ponte pareceu desnecessário tanto para os psiquiatras como para os cristãos.

Nos vinte e nove anos em que estudo e exerço a psiquiatria, tenho testemunhado uma dramática e rápida evolução, freqüentemente não reconhecida, na abordagem de psiquiatras e cristãos para com os emocionalmente doentes. Essa evolução, fundamentada em influências dos primórdios do século 20, tem reestruturado profundamente o diálogo entre a psiquiatria e o cristianismo, especialmente o cristianismo evangélico. Escrevo este livro para trazer luz no que acredito esteja faltando no andamento desta conversão.

Durante a primeira metade do século 20, os psiquiatras, mais do que outros médicos, estavam preocupados com a religião, especialmente com o cristianismo. Esta preocupação, como ilustrada nos escritos de Sigmund Freud, C. G. Jung e outros, foi o que me atraiu à psiquiatria como especialidade médica, porque esses escritos tratam das necessidades das pessoas em seus relacionamentos, em vez de preocupar-se com conglomerados ou partes isoladas do corpo humano, tais como pâncreas e coração. Os cristãos, igualmente, estavam intrigados com a exploração psicológica das suas crenças individuais, especialmente crenças associadas ao pecado, além de teorias psicológicas que tanto informavam a experiência religiosa como forneciam diretrizes práticas para o cuidado pastoral. Dentro da minha comunidade religiosa, enquanto freqüentava a Faculdade de Medicina, pastores e demais líderes da igreja se esforçavam para combinar princípios bíblicos com descobertas psicológicas a fim de ajudar as pessoas que estavam sofrendo emocionalmente dentro da comunidade.

O interesse comum de psiquiatras e cristãos originou-se, naturalmente, do reconhecimento de que as doenças psiquiátricas são, ao mesmo tempo, disfunções cerebrais, conflitos psicológicos e crises espirituais. Isto os conduziu, inicialmente, a conversas significativas e, posteriormente, a acalorados debates. Eu não conseguia andar na minha comunidade religiosa ou dentro do hospital onde estagiava sem sentir a tensão desses debates. Era um estranho em ambas as comunidades: os psiquiatras esperavam que me envolvesse com a psiquiatria e os cristãos, com o cristianismo — mas nenhum dos grupos pensava na possibilidade do meu comprometimento com ambos.

O auge destes debates entre a psiquiatria e o cristianismo ocorreu há menos de cinqüenta anos e foi sempre pontuado pelo confronto “Freud *versus* Deus”. “Freud *versus* Deus” tem sido, desde o início, uma metáfora para a tensão entre a teoria psicanalítica e a teologia cristã, duas visões de mundo diferentes. Psiquiatras e teólogos cristãos comprometeram-se honesta e inteligentemente com as angústias experimentadas pelo homem moderno.

Na década de 90, contudo, psiquiatras e cristãos (em particular cristãos evangélicos) parecem ter alcançado uma confortável reconciliação. O diálogo foi reconquistado e o confronto, na prática, terminou. Sinto-me confortável e sem qualquer desafio em ambas as comunidades. Sinto-me mais seguro, porém muito menos estimulado. Acredito, ainda, que a tarefa de construir pontes neste vazio mal começou antes que ela fosse prematuramente acabada.

A conversação

O diálogo entre a psiquiatria e o cristianismo é de interesse pessoal e profissional para mim. Minhas raízes estão no cristianismo evangélico fundamentalista e na psiquiatria acadêmica. Meus motivos para escrever este livro são revisar e refletir sobre o porquê de terem desaparecido os diálogos de apenas poucas décadas atrás.

A psiquiatria e o cristianismo nunca tiveram relações tão superficiais como atualmente. Cada um se acomodou e, até certo ponto, assimilou o outro. A tensão entre eles, que poderia estimular avanços na compreensão dos mais profundos sofrimentos emocionais, tem dado lugar a uma confortável concentração no estudo do cérebro em detrimento da alma.¹ Por quê? A dor existencial e a experiência subjetiva das doenças psiquiátricas são de pouco interesse para os psiquiatras modernos. Enquanto isso, as implicações filosóficas e teológicas das desordens do cérebro e das terapias psiquiátricas modernas são de pouco interesse para os teólogos cristãos. O resultado disso, em minha opinião, é que a psiquiatria perdeu sua alma e o cristianismo perdeu sua mente.

Mantendo o foco

A literatura sobre o relacionamento entre a psiquiatria e a religião poderia compor uma pequena biblioteca. Mas, acrescentando-se a literatura sobre psicologia da religião, essa biblioteca seria muito maior. Sou fascinado por esse tipo de literatura, mas devo necessariamente omitir desta discussão muitos tópicos de interesse para mim e outras pessoas. Em outras palavras, não tenho nenhuma pretensão de escrever um histórico comprehensivo ou tratado filosófico-teológico. Pelo contrário, apresento um argumento na forma de ensaio, um argumento largamente extraído das minhas experiências das práticas acadêmicas em psiquiatria e como cristão. Creio que minha experiência *pode* ser generalizada em vista da carência desse questionamento entre psiquiatras e cristãos. Por isso, prefiro manter minhas afirmações, que acredito serem centrais, do que trazer referências abrangentes dessa enorme bibliografia.

Um livro que descreva e reflita sobre psiquiatria e cristianismo necessariamente omitirá significados históricos e temas atuais na interação da religião com a psiquiatria. A psiquiatria interage com outras religiões além do cristianismo: a fé judaica, o Islã e religiões orientais (que talvez se concentrem na mente mais do que outras religiões). A prática psiquiátrica entre os judeus ortodoxos ou muçulmanos fundamentalistas assume características qualitativas completamente diferentes da psiquiatria praticada entre os cristãos. Por exemplo, um psiquiatra na Arábia Saudita tratando um fiel muçulmano que esteja com problemas de abuso e dependência de álcool (isto acontece!) tem toda a autoridade da religião do Estado e forte pressão dos seus iguais nas atitudes sociais dominantes para reforçar uma prescrição de abstinência. A motivação para abandonar a bebida tem sua origem mais na autoridade externa do que na vontade do alcoólatra. Até mesmo a prescrição da oração ajuda o psiquiatra a reforçar as sanções sociais do Islã, uma vez que o muçulmano alcoólatra reza juntamente com os outros fiéis na mesquita.

Nesta discussão dou menos atenção à Igreja Católica do que a grupos protestantes, pois creio que o diálogo do psiquiatra com a Igreja Católica é qualitativamente diferente daquele com

o cristianismo protestante. Por exemplo, o psiquiatra não-católico, religioso ou não, freqüentemente não entende a força e o apoio que os pacientes católicos encontram nas práticas sacramentais da igreja. Essas práticas podem parecer ritualistas e compulsivas para o protestante e, por essa razão, ser prontamente rejeitadas como doentias.

Do mesmo modo, não exploro variantes significativas da principal corrente do cristianismo protestante evangélico. A igreja afro-americana, por exemplo, tem um interesse particular na relevância da fé para o sofrimento emocional e social. Os afro-americanos têm menor probabilidade que os brancos de utilizarem os serviços assistenciais e o número de psiquiatras afro-americanos permanece assustadoramente pequeno. Se os psiquiatras em geral subestimam o apoio potencial da igreja para pessoas com problemas emocionais graves, então certamente subestimam o apoio e o papel central da igreja negra na vida da comunidade afro-americana. A igreja tem se tornado o ponto pelo qual os poderes político e espiritual se prolongam através da comunidade afro-americana. Os líderes da igreja negra, portanto, não apenas estão em vantagem, mas freqüentemente são colaboradores necessários no tratamento de problemas tais como o abuso de drogas. Mas, neste livro, privilegio o relacionamento da minha própria tradição religiosa, o cristianismo protestante evangélico, com a psiquiatria.

Minhas discussões não se concentram em outras profissões que tratam de saúde mental cujos praticantes estão freqüentemente envolvidos com o sofrimento emocional, mesmo quando têm uma abordagem baseada em suas crenças religiosas. Isso inclui psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros e médicos que não sejam psiquiatras. Não faço uma revisão em profundidade das discussões sobre mente e cérebro à luz das recentes descobertas sobre as funções cerebrais — uma discussão promovida por uns poucos filósofos, teólogos e psicólogos. A psicologia, como disciplina, tem estado mais comprometida na discussão da mente e da alma do que a psiquiatria. Entidades tais como a Associação para Questões Religiosas e Valores no Aconselhamento e a Associação Cristã para Estudos Psicológicos, são dominadas por psicólogos, não por psiquiatras.

...